



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

ANA ELIZA MARTINS ALCÂNTARA

**QUESTÕES DE GÊNERO EM UMA ESCOLA MUNICIPAL DE VITÓRIA DE
SANTO ANTÃO -PE**

RECIFE

2017

ANA ELIZA MARTINS ALCÂNTARA

**QUESTÕES DE GÊNERO EM UMA ESCOLA MUNICIPAL DE VITÓRIA DE
SANTO ANTÃO -PE**

Monografia apresentada ao Curso de licenciatura em Pedagogia, do Departamento de Educação da Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE, como requisito para a obtenção de título de licenciado(a) em Pedagogia, orientada pelo(a) Prof.^a Dr.^a Hulda Helena Coraciara Stadtler

RECIFE

2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE
Nome da Biblioteca, Recife-PE, Brasil

A347q Alcântara, Ana Eliza Martins
Questões de gênero em uma escola municipal de Vitória
de Santo Antônio, PE / Ana Eliza Martins Alcântara. – 2016.
54 f. : il.

Orientador: Hulda Helena Coraciara Stadler.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade
Federal Rural de Pernambuco, Departamento de Educação, Recife,
BR-PE, 2016.

Inclui referências e apêndice(s).

1. Educação e Estado 2. Escolas públicas 3. Identidade de gênero
4. Identidade de gênero na educação I. Stadler, Hulda Helena
Coraciara, orient. II. Título

CDD 370

ANA ELIZA MARTINS ALCÂNTARA

**QUESTÕES DE GÊNERO EM UMA ESCOLA MUNICIPAL DE VITÓRIA DE
SANTO ANTÃO -PE**

Data da Defesa: 19/02/2018

Horário: 14:30 horas

Local: Departamento de Educação - UFRPE

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a Hulda Helena Coraciara Stadler

Prof.^a. Orientadora

Prof.^a Dr.^a Maria das Mercês Cabral

Prof.^a. Examinadora Interna

Prof.^a Dr.^a Laeticia Medeiros Kalil

Prof.^a. Examinadora Externa

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Deus por me acompanhar e me guiar durante toda essa jornada;

Aos meus/as familiares por todo suporte e encorajamento, principalmente nos momentos onde pensei que não seria capaz de chegar até aqui;

À Prof.^a Dr.^a Hulda Helena Coraciara Stadtler, por ter aceitado o desafio de orientar essa pesquisa;

Aos/as melhores amigos/as que uma pessoa pode ter, por todo suporte, encorajamento, palavras de consolo e pela paciência com os infinitos questionamentos ao longo de todo processo;

Aos/as professores/as do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal Rural de Pernambuco por todos os ensinamentos;

Aos/as funcionários/as e alunos/as da escola campo pelo acolhimento, suporte e disponibilidade em contribuir com a realização dessa pesquisa.

Muito obrigada...

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

LDB Lei de Diretrizes e Bases

MEC Ministério da Educação

PCN Parâmetros Curriculares Nacionais

PNLD Programa Nacional do Livro e do Material Didático

SUMÁRIO

RESUMO	8
ABSTRACT	8
INTRODUÇÃO	8
CAPITULO I – Gênero, Diversidade, Escola e Sociedade	11
1.1 - Gênero, Movimento Feminista e Sociedade	11
1.2 - Questões de Gênero e o Estado Laico	14
1.3 - Questões de Gênero e a Instituição escolar	18
CAPÍTULO II - Metodologia	24
CAPÍTULO III –Procedimentos no Campo e Resultados	28
3.1 – Um diálogo com os alunos/as.	28
3.2 – Um olhar dentro da escola	34
3.3 – Uma conversa com as professoras e gestora.	37
CAPÍTULO IV – Análise de Dados	42
4.1 – Questões de gênero e o posicionamento da escola em relação ao tema	42
4.2 – Questões de gênero em sala de aula e a abordagem das professoras	43
4.3 – O que pensam os alunos sobre o tema	45
CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
REFERÊNCIAS	48
APÊNDICES	51

RESUMO

Objetivamos, através desta pesquisa, investigar como as questões de gênero são recebidas e abordadas pelas equipes gestora e docente em uma escola da cidade de Vitória de Santo Antão – PE. O tema de pesquisa surgiu a partir do levantamento teórico e interesse pessoal em entender como é a atual relação entre a escola e as questões de gênero, tendo em vista que os debates acerca do tema estão cada vez mais presentes na sociedade, porém ainda com pouco espaço dentro da escola. Para alcançarmos o objetivo da pesquisa traçamos uma linha de pensamento teórico do surgimento e do uso do termo gênero pelo movimento feminista, passando pelo papel de um Estado laico até chegarmos no espaço escolar. Além disso, fizemos uso da observação direta de salas de aula do Ensino Fundamental e da escola; entrevistas com gestores e docentes e dinâmica de grupo com os alunos para entender como esses sujeitos veem gênero e suas diversidades. Com a análise dos resultados, pudemos perceber que as questões de gênero não possuem espaço de debate dentro da escola, onde as diversidades são notadas, porém, silenciadas.

Palavras-Chave: Gênero. Diversidade. Educação. Estado. Escola Pública

ABSTRACT

The propose of this research is to investigate how gender issues are received and approached by the management and teaching teams at a school in the city of Vitória de Santo Antão - PE. The research theme arose from the theoretical survey and personal interest in understanding how the current relationship between school and gender issues is given, since the debates about the theme are increasingly present in society, but still with little space within the school. To reach the objective of the research we draw a theoretical line of thought of the emergence and the use of the term gender by the feminist movement, passing through the role of a true laic state until we reach the school space. Beyond that, we will make use of the direct observation of classrooms of Elementary School and of the school; Interviews with managers and teachers and group dynamics with students to understand how these groups of subjects view gender and their diversity. Throughout the analysis of the results, we can observe that gender issues do not have space for debate inside schools, a place where diversities are noticed, but yet silenced.

Keywords: Gender. Diversity. Education. State. Public Schools.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa está sendo realizada como parte integrante da conclusão do curso de Licenciatura em Pedagogia na Universidade Federal Rural de Pernambuco. A pesquisa busca identificar como as questões de gênero aparecem dentro do espaço escolar e como essas questões são recebidas pelo corpo docente, discentes e administrativo da escola alvo, localizada na cidade de Vitória de Santo Antão/PE

O termo gênero vem sendo usado a poucos anos/décadas na nossa sociedade. No Brasil o uso e as discussões envolvendo o tema começaram a aparecer apenas no final dos anos 1980. O uso do termo e o aumento do seu debate na sociedade está intimamente ligado ao movimento feminista e toda sua luta em combater a desigualdade e discriminação que as mulheres sofrem na sociedade.

Foi a partir da *segunda onda do movimento feminista*, que teve início na década de 1960, que pesquisadoras passaram a se debruçar em realizar construções teóricas que mostravam suas inquietações e a partir dessas construções teóricas que não era suficiente apenas fazer relatos da desigualdade que elas tinham na sociedade, era necessário expor e explicar os motivos por trás dessa desigualdade nas relações entre homens e mulheres. A partir das estudiosas feministas anglo-saxônicas, o termo gênero começou a ser utilizado de forma diferenciada do termo sexo.

Traduzindo o pensamento daquelas acadêmicas, Guacira Louro (1997, p. 21) nos mostra que a diferença sexual é usada como uma forma histórica de justificar a desigualdade social entre homens e mulheres, e que o termo gênero passa a ser necessário para mostrar e explicar que a desigualdade social não existe apenas pelo fato de existir uma diferença biológica, ela existe pela forma como essas diferenças são representadas, valorizadas e trazidas para a prática social.

Gênero e sexualidade estão intimamente ligados as pessoas e suas identidades, estão também ligados ao que a sociedade considera que é certo e errado para cada papel. Para Guacira Louro (2000), essas identidades estão sempre sendo socialmente estabelecidas, codificadas e moldadas pelas relações de poder que compõem uma sociedade, possuindo um caráter histórico, plural e transitório, em mudança contínua.

Essas múltiplas e distintas identidades constituem os sujeitos, na medida em que esses são interpelados a partir de diferentes situações, instituições ou agrupamentos sociais. Reconhecer-se numa identidade supõe, pois, responder afirmativamente a uma interpelação e estabelecer um sentido de pertencimento a um grupo social de referência. (LOURO, 2000, p.6)

Sempre envolto em tensão, as questões de gênero ainda hoje são vistas com receio por parte da sociedade, o que torna complicada a sua entrada dentro do campo escolar. A escola é um espaço importante na formação das pessoas, formada por múltiplas diversidades e tem como um de seus propósitos a formação de um sujeito atuante em uma sociedade democrática, laica que garante, ou deveria garantir, direitos iguais a todos. Porém, a escola tem o espaço reduzido para o debate envolvendo as questões de gênero e muitas vezes exclui e marginaliza as diversificadas manifestações de gênero, consideradas fora do padrão vigente.

A escolha do tema da pesquisa, e seus objetivos, se deu pelo interesse pessoal e desejo de entender como é a atual relação entre a escola e as questões de gênero, principalmente como as questões relacionadas a gênero são recebidas e tratadas pela escola. Tendo em vista que os debates envolvendo gênero estão cada vez mais presentes na sociedade e no Estado, e escola pelo seu papel de formação de cidadãos não deve ou deveria se abster de trazer para o seu espaço reflexões que abordem essa questão e que invadem necessariamente seu espaço.

Em um primeiro contato com a escola escolhida, fomos informadas que a escola e os professores não costumam trabalhar as questões de gênero de forma programada no ano letivo, realizando intervenções apenas quando necessário em situações pontuais que geralmente envolve a manifestação de preconceito pela diversidade de gênero por parte de alguns alunos/as.

A partir de leituras realizadas acerca do tema e da realidade escolar apontada, traçamos como objetivo geral da pesquisa: levantar as formas e atividades em que as questões de gênero ocorrem de modo planejado ou não. Como objetivos específicos observamos onde e como essas questões são expressas dentro do ambiente escolar, levantamos como as professoras lidam com a diversidade de gênero quando elas aparecem em sala, quais as razões para a existência ou falta de atividades programadas que abordem o tema e como os/as alunos/as do ensino fundamental compreendem a diversidade de gênero.

Para alcançar os objetivos da pesquisa, fizemos uso da observação direta de aula do ensino fundamental e da escola em geral, objetivando identificar que questões de gênero são expressas na escola e em quais atividades, programadas ou não a escola trabalha a diversidade de gênero. Utilizamos também a entrevista semiestruturada com os/as professores/as e administração da escola para saber como eles/as lidam com as manifestações de diversidade de gênero na sala e da escola e os motivos por trás da existência ou falta de atividades programadas sobre o tema. Foram realizadas dinâmicas em grupo com os alunos, com a finalidade de observar como eles compreendem a diversidade de gênero e como eles/as percebem o posicionamento da escola em relação ao tema.

A pesquisa torna-se relevante para os cursos superiores de formação de docentes pois ao mostrar como o tema vem sendo abordado na escola, a pesquisa levanta alguns pontos que podem ser pensando e levados em consideração nos currículos dos cursos de formação docente e formação continuada para que o debate sobre gênero e diversidade possa ser uma parte ativa e integrante na formação escolar dos/as alunos/as. A escola forma os/as alunos/as para serem figuras ativas na sociedade, sociedade que é formada e rodeada pela diversidade onde todos devemos aprender a lidar e respeitar as escolhas e modo de vida de cada um.

CAPITULO I – Gênero, Diversidade, Escola e Sociedade

1.1 - Gênero, Movimento Feminista e Sociedade

As discussões envolvendo gênero vêm ganhando, com o passar do tempo, um espaço maior na sociedade, contrariamente ao que vem ocorrendo nas políticas do MEC. O Movimento Feminista é o principal responsável por essa crescente inclusão de gênero nas pautas das políticas públicas. Foi a partir da *segunda onda do movimento*, que teve início na década de 1960, que as mulheres do movimento passaram a se debruçar em construções teóricas, inundando a academia e as escolas com produções que mostravam questões que as mobilizavam (LOURO, 1997). No meio dessas mudanças e quebra de paradigmas, o ano de 1968 é considerado um marco de rebeldia por parte de intelectuais, mulheres e negros, grupos que mostravam, coletivamente, suas inconformidades com a segregação, discriminação, silenciamento e com os tradicionais arranjos políticos,

É, portanto, nesse contexto de efervescência social e política, de contestação e de transformação, que o movimento feminista contemporâneo ressurgiu, expressando-se não apenas através de grupos de conscientização, marchas e protestos públicos, mas também através de livros, jornais e revistas. (LOURO, 1997, p.20)

Tornar as mulheres visíveis como sujeito da Ciência, lutar contra a segregação política e social, foram alguns dos principais motivos por trás dos primeiros estudos feitos pelas feministas. Guacira Louro (1997) nos mostra que essa segregação já vinha sendo pouco a pouco quebrada, principalmente a visão que o campo da mulher era exclusivamente o doméstico, e que com o passar do tempo as mulheres foram conquistando outros espaços de trabalho em escritórios, hospitais e etc., trabalhos que, infelizmente, eram vistos como posição de apoio e sempre sob supervisão de um homem. Essas características, da mulher exercer apenas trabalhos de apoio, também começaram a serem observadas pelos estudos feministas.

E foi visando dar visibilidade às mulheres, que os estudos feministas passaram a conter descrições e relatos dos mais variados espaços em que as mulheres estavam presentes, apontando também toda a desigualdade e discriminação que elas sofriam. Porém, com o tempo, mostrar essa desigualdade não era mais o suficiente, era preciso explicar e expor os motivos por trás da desigualdade social existente entre homens e mulheres.

E é através dos estudos das feministas anglo-saxônicas que a palavra gênero passa a ser usada como diferente de sexualidade, essa diferenciação não visava negar o sexo biológico, visava trazer à tona toda a construção social e histórica por trás desse essencialismo, que resultava e resulta na discriminação e interiorização imposta às mulheres.

As justificativas para as desigualdades precisariam ser buscadas não nas diferenças biológicas(...), mas sim nos arranjos sociais, na história, nas condições de acesso aos recursos da sociedade, nas formas de representação. (LOURO, 1997, p. 26)

As concepções de gênero variam de uma sociedade para outra ou ainda dentro de uma mesma sociedade, principalmente ao considerarmos o pluralismo cultural que a compõe. Devido à essas diferentes concepção e ressignificações, a discussão e o uso envolvendo o termo gênero só vem chegar no Brasil no final dos anos 80.

Segundo Guacira Louro (1997), essa característica social do gênero não pode ser confundida como se ele definisse papéis feminino e masculino, principalmente pelo fato que esses papéis possuem características arbitrárias, estabelecidas pela sociedade que passam a definir e classificar todo o modo de vida dos sujeitos, separando de forma sutil e as vezes violenta, aqueles que não seguem o padrão. Gênero deve ser entendido como um constituinte da identidade de cada sujeito, fazendo parte de uma identidade que segundo Ciampa (1989, p.74) está sempre em movimento, em desenvolvimento e se transformando continuamente.

Na nossa sociedade, o termo gênero está constantemente ligado ao termo sexualidade fazendo com que os dois, embora diferentes, acabem tendo os seus significados confundidos. Para Foucault apud. Louro (1997, p. 26), a sexualidade é uma invenção da sociedade que é constituída a partir de múltiplos discursos sobre sexo, “discursos que regulam, que normatizam, que instauram saberes, que produzem "verdades”.

Esses discursos que normatizam e produzem verdades são pensados em uma visão binária, uma visão tradicional, onde o ser humano é dividido em polos masculino e feminino, onde todos possuem uma mesma sexualidade, onde o diferente é o errado, onde um é melhor que o outro.

Na nossa sociedade, por ser difícil pensar que o sujeito pode viver e ter uma posição diferente da normativa e de que a pessoa vai se formando e mudando com o

tempo, essas diferenças são silenciadas e tomadas como um erro. Ao pensarmos em sexualidade, para muitos, é impossível pensar que o ser humano possa viver seus desejos e prazeres corporais de vários modos, ou seja, que a sua identidade sexual vai se formando na medida em que o sujeito vive sua sexualidade com parceiros do mesmo sexo, sexo oposto ou até sem parceiros. E que a sua identidade de gênero, também vai sendo construída socialmente e historicamente na medida em que o sujeito vai se identificando como feminino ou masculino.

É, então, no âmbito da cultura e da história que se definem as identidades sociais (todas elas e não apenas as identidades sexuais e de gênero, mas também as identidades de raça, de nacionalidade, de classe etc). Essas múltiplas e distintas identidades constituem os sujeitos, na medida em que esses são interpelados a partir de diferentes situações, instituições ou agrupamentos sociais. Reconhecer-se numa identidade supõe, pois, responder afirmativamente a uma interpelação e estabelecer um sentido de pertencimento a um grupo social de referência. (LOURO, 2000, p.6)

Dessa forma e por conta de toda sua complexidade, ao pensarmos em gênero e em sexualidade, principalmente nas identidades, devemos sempre levar em consideração que as pessoas, estão sempre se construindo, sempre em mudanças, nunca prontas ou acabadas, mesmo aquelas identidades que estão de acordo com a normativa encontrada na sociedade precisam ser passadas e aprendidas pelos sujeitos, sendo assim é impossível determinar o exato momento em que essa identidade é fixada e aprendida.

Todos esses estudos e luta pela mudança de comportamento, estão intimamente ligadas as relações de poder existente em uma sociedade. Voltando a pensar nas divisões binárias que formam a sociedade, sempre existe a visão que um lado tem que dominar e o outro lado tem que ser dominado. Onde a classe hegemônica sempre dita o que é moralmente certo. Todos esses movimentos de grupos, tidos como minoria, visam lutar contra a imposição de regras e condutas que excluem o modo de ser e os direitos das pessoas de viverem fora do padrão.

Homens e mulheres certamente não são construídos apenas através de mecanismos de repressão ou censura, eles e elas se fazem, também, através de práticas e relações que instituem gestos, modos de ser e de estar no mundo, formas de falar e de agir, condutas e posturas apropriadas (e, usualmente, diversas). Os gêneros se produzem, portanto, nas e pelas relações de poder. (LOURO, 1997, p.41)

Ao pensarmos em todos esses movimentos, luta de poder, e o mérito do que é certo e errado, temos na escola um grande espaço de discussão e de formação de sujeitos,

e que lugar melhor que esse para debater as questões de gênero. A escola não só entende as noções de diferenças e desigualdades como também as reproduz. É nela que as crianças segundo Guacira Louro(1997), aprendem o que falar e quando se calar, aprendem regras, tradições e o que é o moralmente correto e rejeitam as condutas incorretas.

Essas condutas incorretas muitas vezes não são abordadas diretamente, existe um silenciamento e uma resistência em abordar temas, dentro do espaço escolar, que são considerados controversos. Esse silenciamento acaba ocorrendo pelo receio, por parte da escola, de que se os alunos tomem para si um modo de ser considerado controverso a medida que vão tendo contato com eles. Por isso, mesmo com todas as lutas dos grupos tidos como minoria e com todas as legislações voltadas para a sociedade e para o espaço escolar, gênero e sexualidade ainda são debates considerados, por muitos, tabus e proibido dentro da escola.

1.2 - Questões de Gênero e o Estado Laico

Não é só nas escolas que as questões de gênero e sexualidade estão envoltas de tensões. Nos espaços que envolvem religiosidade e espiritualidade o preconceito envolvendo as diversidades são muito presentes e, muitas vezes, fortemente reproduzido. (ALMEIDA, 2016). Schwarz (2006) aponta que a maneira clássica dentro do fundamentalismo religioso de lidar com os tabus é justamente negando e punindo qualquer manifestação que vá contra ao que é dito nos livros sagrados de cada religião.

De acordo com Almeida (2016), quando falamos no acolhimento das pessoas homossexuais encontramos nesses espaços portas fechadas pelo preconceito, cochichos e olhares de soslaio que acabam fomentando desconfianças, afastamentos e antipatia pela espiritualidade e seus centros.

As dores físicas, emocionais e espirituais não têm preconceito e podem atingir ou atingirão qualquer indivíduo, independente se heterossexual ou se homossexual. Negar, portanto, acolhida a uma ou outra pessoa implica tendência e/ou prática de acepção, como também descaso para com o conhecido e propagado princípio exposto no texto bíblico do Evangelho de João, capítulo 3, versículo 16 (ACF)17: “Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna”. (ALMEIDA, 2016, p.7)

Essa antipatia acaba se espalhando e impregnando a sociedade como um todo, muitas vezes ditando, na esfera política, o que é aceitável e o que não é. E é nessa questão que entra a importância de se ter, de fato, um Estado Laico.

Segundo Miriam Ventura (2006, p.13) um Estado Laico, em uma sociedade democrática, é o Estado que possui a separação entre o poder político e as instituições religiosas bem definidas e não permite a interferência direta “de um determinado poder religioso nas questões do Estado.”

Para Pierucci (2006, p.5) um Estado Laico não é só importante para as pessoas que não tem religião, ele também é importante para ser uma figura imparcial e aplicadora da lei em possíveis conflitos envolvendo grupos religiosos. Anelí Schwarz (2006, p.8) vai além, ele fala que além de se lutar por um Estado Laico, o Estado precisa ser democrático, que dentro da definição de Ivone Gebara, usada por ele, significa que “ democracia não é o voto da maioria, mas a possibilidade de todas as pessoas, de uma ou de outra forma, serem incluídas.”

Para Rands (2006 p.10-11), conflitos são importantes em um contexto de luta por uma sociedade laica e democrática que respeite as liberdades e que não há futuro para a humanidade com a imposição de doutrinas fundamentalistas. Imposições que, segundo o autor, “conflita com o direito à orientação sexual, o direito à reprodução, o direito à disposição do próprio corpo e, em última palavra, o direito à felicidade. ”

Todos os valores e princípios estão em conflito na sociedade, por isso a constituição de um estado democrático deve garantir a convivência harmoniosa entre pessoas com crenças diferentes; uma constituição democrática deve assegurar a liberdade religiosa e garantir o exercício de outras liberdades. (RANDS, 2006, p.11)

Porém, Pierucci (2006, p.5) aponta que não é uma tradição no Brasil pensar no Estado como sendo laico e que é no mínimo uma novidade, em pleno século XXI, ainda se ter a necessidade de lembrar e de reivindicar o Estado como laico. O autor aponta ainda que “o fato de religiões quererem usar o seu texto sagrado como verdade única e aplica-lo a todas as pessoas é uma realidade que atravessa os tempos. ” e que muitos desses textos também são utilizados para diminuir a atuação e o papel da mulher na sociedade e restringir o direito da mulher sobre o seu próprio corpo e prazer.

Maria Lúcia Silveira (2006, p.19) vai além e fala que o Brasil, um país de cultura conservadora e autoritária está muito longe de ser de fato um Estado laico, principalmente pela falta de elementos de equilíbrio, entre esse Estado e a sociedade civil, onde as questões de gênero, os direitos sexuais e reprodutivos são de fato respeitados e garantidos.

A laicidade do Estado é algo a ser construído efetivamente, junto à desconstrução do caráter patriarcal das instituições jurídicas do país que não reconhecem, na prática, as mulheres como sujeito pleno de direitos. (SILVEIRA, 2006, p. 23)

Um exemplo dessa restrição imposta aos direitos das mulheres é mostrado por Maria Ávila, quando ela cita o fato de termos, no Brasil, programas avançados voltados para a saúde da mulher, saúde reprodutiva e sexual, porém muitos desses programas são cercados por ideologias onde o profissional de saúde se sente no direito de julgar a paciente em nome de uma moral religiosa. E é nessas situações que ocorre a “morte civil”, termo utilizado por Richard Parker, onde é retirada todos os direitos da pessoa e negada a sua condição de cidadã. Sendo assim, para a autora, é preciso pensar profundamente no significado “entre a ordem das igrejas e a sua dominação sobre a sociedade, e de como essa relação é remetida imediatamente para uma ordem de Estado, por meio do poder político.” (ÁVILA. 2006, p.18)

Miriam Ventura (2006) nos mostra que nas constituições do Brasil, passadas e atual, o contato entre a religião e a política sofreram mudanças. Na primeira constituição do Império, a religião católica, apostólica, romana foi instituída como a oficial do País, ou seja, o Estado não era laico e a igreja tinha papel ativo nas decisões do Estado e era mantida por ele. Já a constituição de 1891 era completamente laica, pois vedava qualquer contato entre as instituições religiosas e o Estado. Porém, nas constituições seguintes os pontos de encontro foram sendo permitidos.

A relação do Estado brasileiro com as instituições religiosas é hoje, de acordo com Miriam Ventura (2006, p.14), de separação e colaboração. A autora aponta que no artigo XIX da atual constituição, de 1988, é vedada a dependência e aliança entre instituições religiosas e as esferas de poder da política, tornando assim o Estado brasileiro laico. Porém, a autora também aponta que nesse mesmo artigo existe uma ressalva que torna legal a aproximação entre os dois, desde que essa colaboração seja pelo interesse público.

E essa aproximação, como aponta a autora, aparece em várias esferas das legislações existentes, como por exemplo no Estatuto da Criança e do Adolescente, Artigo 124, Inciso XIV, e também no artigo V da constituição de 1988, que torna um dever do Estado a prestação de “assistência religiosa nas entidades civis e militares de internação coletiva.” ; e no artigo 210 do mesmo Estatuto, da Criança e do Adolescente, que torna o ensino religioso, nas instituições de ensino público, uma disciplina ofertada em horários normais nas instituições de ensino, transformando esse ensino em um direito do cidadão (VENTURA, 2006 p.14)

Porém, até onde seria o nível dessa colaboração e até que ponto essa colaboração interfere nos direitos das pessoas? Miriam Ventura (2006), fala que os direitos sexuais e de gênero são os alvos mais visados pelo conservadorismo moral e religioso que vem a séculos conseguindo colocar na esfera legal/política os seus dogmas e convicções.

A convivência livre, justa e solidária, por meio da tolerância às manifestações de diversidade é, sem dúvida, um direito fundamental em um estado de direito democrático. A questão central, portanto, nos Estados laicos será o de como limitar a interferência dessas instituições no delineamento de políticas públicas de modo que possam acarretar algum tipo de constrangimento a outras pessoas que não professam aquela fé religiosa. (VENTURA, p. 15)

Silvia Pimentel (2006, p.28) é enfática ao falar que os católicos e outros religiosos podem formar suas identidades em torno dos princípios e valores que regem as suas religiões, porém eles não possuem o direito de “pretender hegemonizar a cultura de um Estado constitucionalmente laico. ”

O sujeito político que mais levanta no Brasil a bandeira de um Estado laico, de acordo com Maria Avila (2006, p.18), são as feministas, “tanto pelas questões que defende quanto pelo seu próprio método de análise da realidade social. ”. Segundo a autora, o movimento também luta contra a interferência política de instituições privadas nos resultados dos processos eleitorais, como por exemplo o poder econômico e as igrejas.

As instituições religiosas ainda detêm um grande poder dentro da sociedade e dentro dos poderes do Estado, principalmente se pensarmos nos partidos evangélicos, que segundo Maria Avila (2006, p.19), que publicamente deixam claro todo o domínio que os dogmas religiosos têm em cima das decisões desses partidos, o que segundo o

autor é uma situação gravíssima pois cria uma nova relação entre a sociedade, religião e política.

Silvia Pimentel (2006, p.25) deixa claro que para avançarmos rumo a uma sociedade mais justa e não discriminatória é imprescindível o respeito à autonomia de cada um em decidir sobre a própria vida, nas esferas privadas e públicas e também no que diz respeito à sexualidade e reprodução.

[...] a questão da desigualdade de gênero requer, para avançar, o diálogo entre mulheres e homens na busca de novas (re) conceituações e estratégias de superação desta desigualdade, o que exige esforço crítico em relação à ideologia patriarcal, hierárquica e machista que encontra grande suporte em determinadas religiões, em especial na ortodoxia católica e em algumas seitas evangélicas. É basilar a distinção entre as dimensões da espiritualidade e da cidadania. Crenças e dogmas compõem a primeira e direitos e deveres a segunda.
(PIMENTEL, 2006 p. 250)

Toda essa situação, segundo Miriam Ventura (2006, p.16) nos leva a uma profunda reflexão de como “ garantir as liberdades religiosas como parte da tradição democrática e manter a absoluta separação entre Estado e igrejas, ou melhor, manter o Estado laico. ”

Uma das perguntas feitas no artigo de Almeida (2016): *Pequenos Grupos E Diversidade Sexual: Pequenas Doses De Espiritualidade, De Psicologia E De Humor*, em relação ao acolhimento das pessoas homossexuais nos locais de práticas espirituais, pode ser muito bem reformulada para o âmbito escolar e para a sociedade como um todo. Será que a escola e a sociedade acolhe/integra as diversidades sexual e de gênero em seus espaços ou as isola? Certamente essa pergunta não possui uma resposta simples. Porém é uma pergunta que precisa ser feita e debatida para que a sociedade se torne mais justa e para que o ambiente escolar se torne proveitoso para todos os alunos.

1.3 - Questões de Gênero e a Instituição escolar

É impossível pensar em uma escola sem debates sobre gênero. Guacira Louro (1997) nos mostra que a própria escola está envolta nesses debates. A escola como uma instituição social produz e se produz por representações de gênero, raça, classe etc. A autora aponta também que se perguntado qual o gênero da escola, muitos irão falar que é feminino pelo fato da escola está rodeado por funções que estão historicamente ligados

ao papel da mulher, vigilância, cuidado, afeto e a própria educação das crianças que sempre ficam sob responsabilidade feminina. Mas outros irão falar que a escola é masculina “pois ali se lida, fundamentalmente, com o conhecimento — e esse conhecimento foi historicamente produzido pelos homens. ” (LOURO, 1997, p. 88)

Antes da criação dos PCNs, a educação escolar brasileira já era regida pela Lei 9.394/96 - Lei de Diretrizes e Bases (LDB) que aborda os princípios que a educação brasileira deve seguir. No seu título II, a lei afirma que a educação é dever da família e do Estado e que essa mesma educação deve ser inspirada nos princípios da liberdade, nos ideais da solidariedade humana e deve acima de tudo formar o sujeito para o exercício pleno da cidadania. A lei fala ainda que a escola deve abordar pluralismo de ideias, o respeito à liberdade e apreço à tolerância. Mesmo estando envolta nesses debates, as questões de gênero e sexualidade só passam a aparecer, oficialmente, na escola com a obrigatoriedade dos PCNs em 1997, mais especificamente com a criação dos cadernos dos Temas Transversais.

Os PCNs têm como objetivo traçar referenciais de qualidade para o ensino nas escolas de todo o país e garantir que a “ a educação possa atuar, decisivamente, no processo de construção da cidadania, tendo como meta o ideal de uma crescente igualdade de direitos entre os cidadãos, baseado nos princípios democráticos. ” (Brasil, 1997, p.13).

Os Temas Transversais foram elaborados com o objetivo de inserir na escola conteúdos do cotidiano social, que ajudassem na formação de um cidadão ciente de suas responsabilidades, assim como na formação de um sujeito que respeita as diferenças. São assuntos que não devem ser tratados cada um em sua própria disciplina, são conteúdos que podem e devem ser trabalhados nas diversas disciplinas já existente na escola.

[...]a perspectiva transversal aponta uma transformação da prática pedagógica, pois rompe a limitação da atuação dos professores às atividades formais e amplia a sua responsabilidade com a sua formação dos alunos. [...] (BRASIL, 1997, p.30)

Aqueles conteúdos são divididos em seis temas diferentes, onde gênero e sexualidade aparecem como Orientação Sexual, que possui como objetivo principal problematizar e informar acerca das questões ligadas a sexualidade, gênero e aos preconceitos que envolvem esses dois polos.

A abordagem do corpo como matriz da sexualidade tem como objetivo propiciar aos alunos conhecimento e respeito ao próprio corpo e noções

sobre os cuidados que necessitam dos serviços de saúde. A discussão sobre gênero propicia o questionamento de papéis rigidamente estabelecidos a homens e mulheres na sociedade, a valorização de cada um e a flexibilização desses papéis. O trabalho de prevenção às doenças sexualmente transmissíveis/AIDS possibilita oferecer informações científicas e atualizadas sobre as formas de prevenção das doenças. (BRASIL, 1997, p 28)

Essa característica de transversalidade dá oportunidade para que os temas sejam trabalhados por qualquer professor em qualquer disciplina. Historicamente, o tema sexualidade sempre foi abordado durante a aula de orientação sexual, porém ela não invade a escola apenas nas pichações de muros ou portas de banheiros, ela faz parte dos cotidianos escolares, manifesta ou não, ela está presente entre crianças e adolescente em interação. E muitas vezes a escola intervém nessas manifestações as negando, recriminando e principalmente silenciando as manifestações que não se enquadram no “normal”. E quando aborda o tema, se limita ao aparelho reprodutor, nas aulas de ciências/biologia, não havendo uma discussão abordando as dúvidas e curiosidades dos alunos ou o papel desses temas na sociedade

Melo e Nogueira (2016, p. 261) afirmam que o ensino de biologia não deve se restringir ao ensino enciclopédico, como vem ocorrendo, ele deve cada vez mais se aproximar do mundo e dos problemas que atualmente encontramos nele. Os autores apontam também, que os livros didáticos utilizados no ensino da ciência/biologia tratam assuntos como discriminação de gênero como um assunto de segunda importância e ignoram questões mais amplas como o fato de que os temas biológicos e as questões de gênero “nos conectam com um coletivo maior que ultrapassa os limites territoriais de cidades e regiões”.

Os autores realizaram um estudo que envolveu a análise do conteúdo de 8 (oito) livros aprovados pelo PNLD (Programa Nacional do Livro Didático) e utilizados no ensino de Biologia, desses livros apenas 2 (dois) saem da esfera apenas fisiológica e entram nas discussões atuais envolvendo sexualidade e gênero. Os livros se tornaram um guia na formação de milhares de alunos, a não abordagem desses temas de uma forma ampla e atual é preocupante e mostra o quanto ainda estamos longe de romper o silêncio.

Esse silenciamento e opressão, envolvendo a sexualidade, encontrados na escola, que acaba excluindo uma parcela da sociedade do diálogo e da vida, também se manifesta quando falamos em gênero, em papéis femininos e masculinos que estão

rodeados por tradições que são reafirmadas dentro da escola, intencionalmente ou não. Se é esperado um certo padrão de comportamento, que se os alunos não seguirem são imediatamente chamados a atenção.

Ainda de acordo com Melo e Nogueira (2016, p. 264) os pais e familiares dos alunos criam e perpetuam tabus e preconceitos, fazendo com que esses alunos “criem visões e pensamentos que não existem” e saiam repassando elas por onde passam. Os autores também deixam claro a importância da escola adotar medidas que informe a comunidade escolar, através de debates e esclarecimentos os “mitos e tabus que existem sobre a sexualidade e questões de gênero”. E é nessa questão de escolha de medidas que entra a importância dos PCNs como um dos norteadores para as práticas educacionais, segundo o documento, o trabalho de Orientação sexual deve ser feito por meio de questionamentos, problematizações para que o aluno aumente o seu leque de conhecimento e possa escolher seu próprio caminho.

Porém, os PCNs apenas apontam numa direção em que a educação deve seguir, e têm se esforçado bastante em mostrar a importância da inclusão desses temas na educação, uma educação que abre espaço para o debate de assuntos diversos que formam a sociedade. Nem a escola e nem os professores são obrigados a seguir todo o documento, eles podem escolher o que abordar e como abordar. E é aí que mora o problema, a escola como uma instituição social é influenciada pelas convicções morais que regem a sociedade, instruindo seus alunos com as convenções aceitas e formuladas dentro da relação de poder, convenções que são de acordo com Louro (1997) de uma sociedade branca, masculina, heterossexual e cristã, onde todos que não compartilham dessas características são considerados diferentes e conseqüentemente excluídos da sociedade.

Portanto, a escola acaba escolhendo a omissão, não abordar temas conflitantes com a normativa vigente na sociedade hegemônica. Omissão que, segundo Graziela Rosa (2016), torna necessário a construção e aumento das teorias e práticas que contribuam para uma educação voltada para a democracia.

Um dos objetivos da educação básica, segundo a autora, seria a preparação dos sujeitos para a vida em sociedade. Sociedade que é repleta de problemas sociais e de diferenças, e que um dos caminhos para reverter esse quadro, de omissão e exclusão, seria o diálogo entre professores e referenciais teóricos e as realidades dos diversos sujeitos que passam pela escola.

Porém o que encontramos na escola, um campo de diversidade, é justamente o oposto, nela encontramos a negação das diferenças, onde todos são estimulados a se tornarem iguais, a agirem de acordo com o esperado onde as curiosidades, indagações e diferenças dos alunos são silenciadas e tratadas como sem importância. Até mesmo erradas. (LOURO, 1997; Brasil,1997)

Graças a maior presença feminina nas escolas e academias e a nova formação social e acadêmica por parte dos novos docentes, esse quadro vem mudando pouco a pouco. Existe hoje, segundo Guacira Louro (1997)), uma maior visibilidade das causas dos grupos tido como minoria, como os homossexuais e negros, um aumento nas discussões, por parte da mídia, envolvendo gênero e sexualidade, uma diminuição de barreiras na troca de informações devido a mudanças nas formas de comunicação.

Todos esses processos de mudanças fazem com que, segundo Guacira Louro (1997, p.120), se rompam antigas barreiras sociais, promovam contatos com múltiplos sujeitos, modos de vida, valores e comportamento, de uma forma que era impensável.

A Educação Popular, segundo Graziela Rosa (2016), aliada aos estudos feministas seria uma das formas de trazer a emancipação dos sujeitos e de superação das práticas educacionais que reforçam a desigualdade e a exclusão de parcelas da sociedade. Uma educação voltada para a democracia e formação cidadã dos sujeitos, traria à tona toda a opressão, silenciamento e ocultação que historicamente são forçadas as mulheres e a outros grupos de minoria. Esse fortalecimento e valorização das produções intelectuais das mulheres também passaria pela formação docente, pois é na atuação dos docentes dentro das escolas que o quadro de exclusão impostas as diversidades podem ser mudadas.

E é preciso buscar nas margens e nos referenciais teóricos da educação popular formas de pensar a educação frente aos diferentes problemas sociais, objetivando um fazer pedagógico que visa à construção de uma escola crítica, participativa e cidadã, que contribui na superação das opressões históricas. (ROSA 2016, p. 424)

As desigualdades e discriminações só podem ser combatidas e extintas se a sociedade passar a realmente olhar para essas situações, como elas são produzidas e reproduzidas. Se apoiando em experiências passadas e nas produções teóricas que surgem a cada dia e tentando cada vez mais mudar as pequenas atitudes.

De acordo com Melo e Nogueira (2016, p.262), o espaço escolar cada vez mais é chamado a responder aos anseios dos movimentos que estão fomentando uma nova formação social. Esse espaço, foi, é, e continuará sendo um local de extrema importância na formação e legitimação da cidadania. Porém, a forma como o conhecimento é hoje transmitido, meramente técnico e sem relação com os sujeitos, não vem atendendo as necessidades da sociedade que está se formando.

[...] insistir num espaço institucional e de publicações didáticas meramente técnicas, visando unicamente o fortalecimento da razão instrumental – mesmo e apesar da sua imprescindibilidade, acreditamos, não responder mais, plenamente, aos anseios das mulheres e homens atuais. (MELO, NOGUEIRA, 2016, p. 262)

Mudar a forma de tratar alunos, reorganizando as formas de dividir os jogos, abrir oportunidades de debates sobre os temas, trazer para a sala de aula e para a escola as dúvidas, curiosidades e inquietações dos alunos são formas que a escola pode começar a trabalhar gênero, sexualidade, etnia, diferença, respeito, etc., de uma forma ampla e que atenda às necessidades atuais. As ações pesam tanto quanto as palavras, mudar as práticas também muda o pensamento.

CAPÍTULO II - Metodologia

Propomos como objetivo geral da pesquisa identificar as formas e atividades em que as questões de gênero são trabalhadas em uma Escola Municipal de Vitória de Santo Antão/PE. Pretendemos ainda observar, como as manifestações da diversidade de gênero eram percebidas e abordadas entre gestores e docentes no espaço escolar. A partir das observações, objetivávamos entender como está a atual relação no ambiente escolar com questões de gênero e suas diversidades. Para alcançarmos o objetivo principal, definimos alguns objetivos específicos:

- Realizar observação direta de situações em que as questões gênero se expressam;
- Investigar como professores/as do ensino fundamental lidam com a diversidade de gênero em sala de aula;
- Levantar as atividades programadas pela escola onde as questões de gênero estão objetivadas;
- Descrever e categorizar como estudantes do ensino fundamental compreendem a diversidade de gênero;
- Identificar as políticas sociais existentes no espaço escolar voltadas para as questões de gênero.

Essa pesquisa possui caráter qualitativo de base etnográfica, pois, pretendemos analisar os dados de forma crítica, fundamentada e levando em conta as motivações, crenças e valores em que os sujeitos participantes estão inseridos. Qualitativa, pois para esse tipo de pesquisa a preocupação com os aspectos da realidade não podem ser enquadrados em equações, medidas numéricas ou apenas estatística. A pesquisa está centrada na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais e interações entre os atores a serem abordados (GERHARDT, SILVEIRA, 2009; MINAYO 2001,).

Seu caráter etnográfico, teve base no que Arlida Godoy (1995, p.28) apresenta como um dos conceitos fundamentais que guiam esse tipo de pesquisa, que é o conceito de cultura, que deve ser entendido de maneira simples como “o conjunto de conhecimentos, crenças e ideias adquirido e utilizado por um grupo particular de pessoas

para interpretar experiências e gerar comportamentos”. Para a autora a pesquisa qualitativa/etnográfica é descritiva, pois nela:

[...]os dados coletados aparecem sob a forma de transcrições de entrevistas, anotações de campo, fotografias, videoteipes, desenhos e vários tipos de documentos. Visando à compreensão ampla do fenômeno que está sendo estudado, considera que todos os dados da realidade são importantes e devem ser examinados. (GODOY, 1995, p.62)

Ainda, de acordo com a autora, o foco dos/as pesquisadores/as é o processo e não apenas o resultado ou produto final:

O interesse desses investigadores está em verificar como determinado fenômeno se manifesta nas atividades, procedimentos e interações diárias. Não é possível compreender o comportamento humano sem a compreensão do quadro referencial (estrutura) dentro do qual os indivíduos interpretam seus pensamentos, sentimentos e ações. (GODOY, 1995)

A metodologia foi escolhida por possibilitar entender as formas como as diversidades de gênero são vividas e abordadas na escola, tentando compreender os fenômenos seguindo as perspectivas dos/as participantes da pesquisa, além de considerar todo o contexto social e cultural em que a escola e seus indivíduos estão inseridos. Para alcançar os objetivos dessa pesquisa foram utilizadas a observação direta, a entrevista semiestruturada e uma dinâmica de grupo envolvendo vídeos e atividade estruturada para a coleta de dados.

A pesquisa foi realizada em uma escola municipal localizada no centro da cidade de Vitória de Santo Antão. A escola possui 28 turmas do 1º ao 9º ano, divididas nos dois turnos. Seu espaço físico é dividido por turmas, sem grandes interações entre elas, onde as turmas do 1º ao 5º ano ficam em cima e do 6º ao 9º ano na parte de baixo da escola.

Os participantes da pesquisa foram o corpo administrativo da escola para entender o posicionamento da escola, como um todo, em relação as questões de gênero; os/as professores/as para identificar como elas lidam com gênero dentro da sala de aula, se elas abordam ou não o tema de forma sistemática e os motivos por trás dessa abordagem ou falta dela; e os/as alunos/as do 3º ao 5º ano, para identificar como eles/as

viam as questões de gênero e suas diversidades e como eles/as percebiam o posicionamento da escola em relação ao tema.

A observação direta foi realizada, a partir de roteiro pré-estabelecido, com a finalidade de identificar como as questões de gênero apareciam na escola como um todo e a existência de projetos considerando o tema. De acordo com Michaliszyn e Tomasini (2009, p.52-54) essa técnica de coleta de dados se caracteriza pelo fato do/a pesquisador/a utilizar todos os seus sentidos para a obtenção dos fatos/dados diretamente no momento e local onde eles ocorrem. Para o registro dessas observações utilizamos diário de campo. Michaliszyn e Tomasini (2009, p.57) apontam que a utilização desse tipo de instrumento possui prós e contras, o diário de campo é considerado como a melhor forma de registro da situação que está ocorrendo, porém a ação de observar e anotar ao mesmo tempo faz com que o pesquisador tenha a sua atenção reduzida, facilitando a perda de detalhes significativos. Por isso sugerem que as anotações sejam feitas em momentos posteriores à observação, pois o ato de anotar durante os eventos pode comprometer o andamento dos mesmos. E que a melhor forma para não ter prejuízos no registro é fazer uso da escrita de palavras chaves, de forma discreta, que tornem o resgate posterior dos dados mais fácil (MICHALISZYN e TOMAZINI, 2012, p.57).

A entrevista semiestruturada foi utilizada como forma de ampliar a compreensão do pensamento das pessoas sobre o problema. A escolha desse instrumento se deu por alguns motivos: primeiro, pela sua característica de “contato direto, face a face, entre o pesquisador e o entrevistado.” (MICHALISZYN e TOMAZINI, 2012, p. 56); segundo, pelo fato de que sujeito ter que responder de forma instantânea, resultando em respostas mais próximas a seus pensamentos; terceiro, porque uma entrevista semiestruturada deixa aberturas para adaptações na medida em que o entrevistado vai dando as suas respostas.

A entrevista foi utilizada em dois diferentes momentos, com os dois grupos de participantes. No primeiro momento, foi feita com as professoras do ensino fundamental, tendo como objetivo identificar como essas profissionais se posicionam em relação as diversidades de gênero em sala e se fazem algum tipo de trabalho usando a temática, como fazem e por quais motivos. No segundo momento foi entrevistada a gestora da escola para identificar se existem ou existiram projetos sobre o tema que alcançassem toda a escola.

Uma roda de diálogo foi vivenciada por estudantes, norteadas por questionamentos, para entender como eles/as vivenciam a diversidade de gênero dentro e fora da escola, além do posicionamento assumido sobre a questão. A roda de diálogo foi escolhida, pois é um meio dinâmico “[...]para explorar e entender o significado que os indivíduos ou os grupos atribuem a um problema social ou humano” . Para Warschauer, (apud CRESWELL apud MOURA; LIMA, 2014, p.99), dentro de uma roda temos que considerar que o diálogo representa o pensar e o falar de indivíduos com histórias de vida diferentes e com maneiras próprias de pensar e sentir, ou seja, os diálogos surgidos não possuem uma lógica única. Confrontos e conflitos vêm à tona.

Com dois grupos de 6 alunos/as do 3º ao 5º do ensino fundamental, cada roda de diálogo possuiu equitativamente representantes femininos e masculinos. No início da atividade foi explicado o propósito e o funcionamento da dinâmica. Durante a roda de diálogo foram utilizados 3 vídeos, que estão disponíveis no YouTube, como material de apoio. Os vídeos, que abordavam o tema da pesquisa, foram constantemente relacionados com as perguntas norteadoras que seguiam o roteiro previamente estabelecido. Durante a roda de diálogo, antes da passagem dos vídeos, foi feita uma pequena dinâmica que envolvia a classificação de brinquedos de acordo com os gêneros.

CAPÍTULO III – Procedimentos no Campo e Resultados

No primeiro capítulo deste trabalho, fizemos uso de bibliografia para desenvolver, de modo geral, a discussão sobre gênero e suas diversidades dentro da sociedade. Apresentamos, em um segundo, a metodologia escolhida para a realização da prática de pesquisa, os objetivos e os métodos de coleta de dados. No capítulo presente, expomos essas técnicas e quais resultados obtivemos a partir delas.

Como exposto no capítulo anterior, o objetivo geral da pesquisa foi levantar as formas e atividades em que as questões de gênero apareciam em uma Escola Municipal de Vitória de Santo Antão/PE. Falamos também que os métodos de coleta de dados empregados foram: a roda de diálogo, a observação direta e entrevista semiestruturada. Começaremos a análise dos dados com as rodas de diálogos, explicando as suas etapas e quais resultados obtivemos, em seguida falaremos sobre as observações realizadas dentro da escola e por fim, abordaremos as entrevistas realizadas com professoras e gestora da escola.

3.1 – Um diálogo com os alunos/as.

As rodas de diálogo foram realizadas com doze alunos/as do 3º ao 5º ano, sendo um casal por turma, com idades entre 8 e 10 anos. Foram feitas no turno da tarde no auditório da escola, em dois dias diferentes com dois grupos de estudantes (seis alunos/as por dia).

As rodas de diálogo foram iniciadas com a organização dos/as estudantes em um meio círculo, onde foi solicitado que escrevessem seus nomes em um papel para servir de crachá. Em seguida foi explicado como a dinâmica seria realizada, seguindo o seguinte: dinâmica com brinquedos, apresentação de vídeos e resposta a perguntas previamente elaboradas, feitas antes e depois dos vídeos.

Estando divididas em duas etapas, a primeira etapa consistiu em uma dinâmica envolvendo a classificação de brinquedos de acordo com o que os alunos/as achavam que era brinquedo de meninos, meninas ou que serviam para os dois sexo/gêneros. Os brinquedos selecionados para a dinâmica foram: carrinhos, boneco de dinossauro, ursinho de pelúcia, boneca Barbie, boneco Ken, um bebê, jogos de carta e tabuleiro, helicóptero e jet-ski. Os brinquedos foram posicionados em cima de uma mesa,

onde os alunos/as, em grupo, tinham que classificá-los na fileira onde tinham as opções acima descritas.

A segunda etapa da roda de diálogo, foi feita utilizando 3 vídeos, disponíveis no Youtube, que dialogavam com o tema da pesquisa, com a dinâmica com brinquedos e as perguntas desenvolvidas previamente.

Após a explicação geral para os alunos/as, as duas etapas da roda de diálogo começaram. Na primeira etapa foi solicitado que separassem os brinquedos classificando-os como de menina, menino e os que eles/as achassem que eram brinquedos para os dois sexos. Em seguida foram feitas algumas perguntas sobre a forma como os brinquedos tinham sido classificados para entender os motivos que levaram àquela organização.

Obtivemos respostas diferentes nos dois grupos, sobre os motivos que levaram à organização dos brinquedos da forma que foi feita, com pontos em comum em algumas delas. Estudantes dos dois grupos classificaram como de menina brinquedos como a Barbie e o bebê, enquanto que para os meninos foram escolhidos helicóptero, joguinho eletrônico, boneco de dinossauro e carrinho vermelho. Para os dois sexos foram escolhidos jogos de cartas e tabuleiros, ursinho de pelúcia e um carrinho de madeira.

Embora os dois grupos tenham colocado o ursinho de pelúcia como brinquedo para os dois sexos, os motivos foram diferentes. Para o primeiro grupo o ursinho foi colocado por conta da imposição das meninas, tendo um dos meninos do grupo totalmente resistente à essa classificação. Para o segundo grupo o ursinho foi colocado para os dois gêneros por iniciativa dos próprios meninos, que afirmaram já terem brincado com esse brinquedo.

O primeiro grupo classificou os brinquedos sem pensar muito no assunto, onde os meninos, principalmente um deles, foram enfáticos ao rejeitar qualquer arranjo onde um menino brinca com um ursinho de pelúcia ou de boneca, onde se isso acontecesse seria pelo fato dele ser “viado”; ou ainda não ser possível uma menina brincar com um carrinho. Para os primeiros, os únicos brinquedos que serviam para os dois sexos eram os jogos de tabuleiro e cartas, posicionamento que foi constantemente recusado pelas meninas.

Quanto ao segundo grupo, os motivos apontados para a escolha da Barbie como de menina foram à aparência dela, como a boneca se parece com uma menina, então só elas poderiam brincar com esse tipo de brinquedo. O boneco Ken foi alvo de grande debate entre componentes do grupo, para eles/as esse brinquedo pertence aos meninos

por conta da aparência, porém no final classificaram como dos dois pelo fato desse boneco ser o par da Barbie.

No segundo grupo, o fator primário de classificação dos brinquedos foi a fisionomia e as cores deles, onde se ele era rosa passava automaticamente a ser de menina e se fosse de uma cor neutra poderia ser usado pelos dois (o brinquedo em questão foi um jet-ski rosa com roxo), posição que durante aquele momento foi expressada pelo grupo todo. Porém, durante a discussão sobre a cor dos brinquedos, as meninas posteriormente mudaram o discurso ao falarem que a pessoa pode brincar com brinquedos de qualquer cor.

Durante a classificação dos brinquedos, os alunos/as dos dois grupos demonstraram possuir uma visão bem definida do que a sociedade convencionou como próprio para meninos e meninas. Convenção que foi utilizada como motivo primário para a classificação dos brinquedos de acordo com o gênero, sendo utilizado as cores “rosas” para as meninas e “azul” para os meninos. Convenções que durante toda a roda de diálogo foram sendo reafirmada e negadas, principalmente pelas meninas.

Para além das cores, os brinquedos considerados como de menina ficaram na esfera do que eles/as achavam que eram as características sociais delas: o cuidado com os bebês e a delicadeza da Barbie. Enquanto que para os meninos foram eleitos os carros e helicópteros. Porém, mesmo tendo classificado os brinquedos, em sua maioria, seguindo uma organização que seguia a visão da sociedade, eles/as demonstraram, durante toda a discussão, possuírem pensamentos contrários à essa visão fixa que a sociedade impõe para os sujeitos.

Perguntados/as o que para eles/as era ser menino ou menina, as respostas dadas foram os papéis sociais típicos que a sociedade dita, papéis que foram constantemente contestados. As meninas, na visão das próprias meninas, precisam ser: meigas, ter cabelo grande, precisam usar maquiagem, ser vaidosa, ir para a escola, brincar de Barbie e não podem gostar de futebol.

Para elas, as meninas precisam ser assim, mesmo que não gostem de boa parte dessas coisas, pois se tentarem ser diferentes, não serão aceitas e serão vítimas de preconceito. Enquanto que para elas, os meninos querem ditar como as meninas devem se vestir, só gostam de futebol, precisam ser mais brutos, são insistentes e não precisam cuidar da imagem, pois ninguém se importa se eles saírem “bagunçados”.

Já para alguns dos meninos, as meninas não podem jogar futebol por ser um esporte típicos de meninos. Também citaram os meninos como responsáveis pelo trabalho braçal, enquanto que as meninas são responsáveis pela casa. Para dois meninos do primeiro grupo, as meninas são mais “ frescurentas” e por serem mais delicadas não aguentam brincadeiras de meninos e por esse motivo meninas e meninos não devem se misturar.

Após a dinâmica com os brinquedos, iniciamos a segunda etapa da roda de diálogo com a passagem dos três vídeos disponíveis no YouTube, ¹*Brincadeira sem Gênero*, ²*O Que é Identidade de Gênero* e ³*Gênero na Escola*, escolhidos por dialogarem com o tema e com as perguntas elaboradas para o roteiro das rodas de diálogos. A dinâmica consistiu em assisti-los e em seguida responder algumas perguntas relacionadas ao que os vídeos apresentavam.

O vídeo *Brincadeira Sem Gênero* foi desenvolvido numa aula na Universidade Federal do Rio Grande do Sul como componente da disciplina Mídias e Tecnologias Digitais em Espaços Escolares. O vídeo aborda a diferença entre brinquedos como sendo de meninos e meninas, e as cores azul e rosa. O vídeo levantava, também, a questão da diferença de tratamento entre os dois gêneros por parte dos pais, onde as meninas, diferentemente dos meninos, na maioria das vezes são tratadas pelo diminutivo e recebem menos liberdade. Além disso, aponta a repressão que as pessoas recebem ao tentarem agir de forma diferente do que é esperado para meninas e meninos. *Brincadeira Sem Gênero* foi exibido com perguntas norteadoras, tendo por objetivo comparar, posteriormente, as informações passadas pelo vídeo e a classificação que os alunos/as deram aos brinquedos na atividade de grupo.

Ao serem perguntados sobre o que o vídeo mostrava e o que eles achavam sobre as informações apresentadas, obtivemos posicionamentos diferentes nos dois grupos. No primeiro grupo, os alunos/as responderam que gostaram do vídeo, porém com perspectivas diferentes. Os meninos reafirmaram o posicionamento mostrado durante a classificação dos brinquedos, ao falarem que o vídeo mostrou o certo ao abordar o que é próprio de menino e de menina. Por outro lado, as meninas apontaram como principal relevância quando o vídeo falou da repressão que os meninos/as sofrem ao tentarem brincar com brinquedos que não são atribuídos ao seu gênero. Elas foram enfáticas ao

¹ Canal Aline Lied: <https://www.youtube.com/watch?v=kydSWwrVOQw>

² Canal Estadão: https://www.youtube.com/watch?v=_hoJg896LBw&t=1s

³ Canal Para Tudo: <https://www.youtube.com/watch?v=ZIJ2Ifu6SIM&t=169s>

falarem que meninos e meninas deveriam poder brincar com qualquer tipo de brinquedo e que essa proibição é uma forma de preconceito por parte das pessoas.

No segundo grupo, ao contrário do primeiro, a principal informação apontada do vídeo, tanto pelos meninos quanto pelas meninas, foi a divisão de brinquedos imposta e a forma como as meninas, em comparação aos meninos, recebem menos liberdade para fazerem o que querem, mesmo se ambos pedirem a mesma coisa. Durante a discussão esse grupo também falou que percebem uma cobrança de delicadeza por parte das meninas, e que os meninos gostam de diminuir e agir como se fossem mais fortes do que elas.

O segundo vídeo passado *O Que é Identidade de Gênero?*, foi produzido pelo Jornal Estado de São Paulo, dava uma pequena explicação do conceito de gênero e sua diferença em relação a sexo. Algumas partes do vídeo não foram passadas, por apresentarem os conceitos de orientação sexual. Antes do vídeo ser passado foram feitas as perguntas: *Para vocês o que significa gênero? E diversidade de Gênero?*

Os dois grupos responderam que gênero corresponde a feminino e masculino, onde ao responderem sobre diversidade a resposta instantânea foi para os transgêneros e homossexuais, por conta da novela *A Força do Querido*, exibida em 2017 pela rede Globo que abordava as questões dos transgêneros e suas lutas por aceitação própria e social, através de uma personagem que não se identificava como sendo menina. Termo que novamente trouxe à tona a resistência dos meninos do primeiro grupo em pensar em arranjos e posturas diferentes da normativa heterossexual vigente na sociedade.

Após a passagem do vídeo *O Que é Identidade de Gênero*, as perguntas foram refeitas. Dentro dos dois grupos houveram posicionamentos diferentes. No primeiro grupo dois alunos/as afirmaram que se Deus fez o homem e a mulher é para eles seguirem o que Ele fez, e que qualquer tentativa de ser diferente desse caminho é o Diabo tentando atrapalhar a vida da pessoa, enquanto que o restante do grupo manteve a posição de que a pessoa deve ter o direito de viver a sua própria vida sem ter o outro apontando dedos.

No segundo grupo, levados novamente pelo o que estavam vendo na novela, o grupo falou que deveria ser permitido a pessoa ser e agir diferente do que se espera dela/dele, pois a proibição pode ser prejudicial ao indivíduo. Os alunos/as também falaram que dentro de suas famílias não ocorrem debates sobre esses temas, para além dessa falta de diálogo, uma das alunas informou da repressão que sofre em casa por não ser quieta e delicada como se espera de uma menina. Indo para o lado da religião, um dos

meninos desse grupo afirmou que Deus dá sim a liberdade de escolha para a pessoa seguir o caminho que ela quiser e que essa pessoa não deveria ser vítima de preconceito por conta de suas escolhas.

Durante a discussão desse vídeo, as meninas do segundo grupo também afirmaram perceber uma diferença de tratamento social entre meninos e meninas, onde os meninos sempre tentam ser os mais fortes, colocando as meninas para baixo. Situação que, segundo elas, as fazem se sentirem fracas, principalmente pelo fato de não se verem apenas como fofas e delicadas.

O terceiro vídeo trabalhado foi *Gênero na Escola*, feito pela Drag Queen Lorelay Fox disponível em seu canal Para Tudo⁴. O vídeo trazia para dentro do espaço escolar o debate sobre gênero, mostrava os papéis sociais fixos atribuídos aos meninos/as questionando a formação social que esses papéis causam na sociedade, também abordava conceitos como respeito e diferença. As perguntas relacionadas com esse vídeo foram: *Dentro da escola ocorre manifestações dessas diversidades?*, *Como a escola e os professores se posicionam em relação a essas manifestações?*, *O que vocês acham sobre esse assunto, como vocês agem quando percebem essas diversidades? Vocês gostariam que houvesse na escola momentos de diálogos sobre gênero?* Sendo as duas primeiras perguntas feitas antes do vídeo e as outras duas após o vídeo.

Ao serem perguntados se já haviam percebido manifestações de diversidade de gênero dentro da escola e como a escola reagiam a essas manifestações, ambos os grupos responderam que sim e citaram o exemplo de um menino que às vezes ia maquiado e vestido como menina para a escola. Perguntados como a escola reagia, eles informaram que todos os dias esse menino, e os meninos que ficavam tirando brincadeira com ele, eram chamados até a diretoria para conversarem. Informaram também que a professora da turma, desse aluno em questão, não debatia especificamente sobre o assunto, o que ela abordava sempre era a noção de respeito e tentava impedir que ‘brincadeiras’ fossem feitas contra esse aluno.

Com relação ao trabalho e postura das professoras dentro da sala de aula, em relação à gênero, os alunos/as do 5º ano, que estavam participando da atividade, relataram que quando é dentro da sala a professora costumava reprimir e chamar os pais do aluno/a que estivessem agindo fora do padrão esperado, impedimento que também se estendia a

⁴ <https://www.youtube.com/watch?v=ZIJ2Ifu6SIM&t=169s>

brincadeiras envolvendo meninos e meninas. Os alunos/as também informaram que todas as atividades que envolviam pintar eram divididas entre meninos e meninas, onde para as meninas eram desenhos de fadas, bonecas e para os meninos super-heróis e carrinhos, não podendo ser trocados entre eles. Esse posicionamento das professoras, em relação às atividades, foi expresso por todos os alunos dos dois grupos.

Os alunos/as do 5º ano, foram os mais enfáticos em relação a formas diferentes de tratamento por parte da professora. Eles relataram que a professora trata as meninas de forma mais carinhosa, enquanto que com os meninos ela só falava gritando. Situação que ocorre mesmo quando as meninas e os meninos estão fazendo barulho juntos.

Esses posicionamentos, por parte das professoras, foram constantemente criticados por eles/as. Os alunos/as a todo momento reforçavam um querer em serem tratados mais igualitariamente, onde tivessem possibilidade de escolhas dentro da sala/escola, em vez de só serem “empurrados” para uma direção.

Após a passagem do vídeo, os dois grupos, no geral, falaram que gostaram dele por ele mostrar o que de fato acontece na sociedade. Onde meninas e meninos deviam, ao contrário do que ocorre, poder agir da forma que quisessem sem sofrer repressão por conta disso. Porém, enquanto o primeiro grupo debatia sobre o assunto um dos meninos do grupo continuava a demonstrar a resistência com o tema, afirmando que meninos e meninas são diferentes e que deveriam agir de acordo com essa diferença.

Ambos os grupos expressaram que gostariam que houvesse diálogos sobre esse tema dentro da escola, apontaram que conversar sobre o tema é uma forma de educação e de construção do respeito entre os alunos/as. Eles/as falaram que apesar de não tratarem mal os alunos/as que são diferentes deles/as, outros o fazem e que gostariam que isso acabasse.

3.2 – Um olhar dentro da escola

As observações diretas foram realizadas dentro das salas de aula das turmas do 3º ao 5º ano, durante cinco dias consecutivos. Além das turmas, também foram observados os horários de chegada e saída dos alunos/as e o horário da merenda/intervalo. A primeira turma a ser observada foi a turma do 3º ano e a última foi a do 4º ano. Nos

dias em que as observações foram realizadas, o tema gênero, suas questões e diversidades, não foram abordadas de forma planejada pelas professoras das turmas e nem pela escola em geral.

Mesmo não aparecendo de forma planejada, elas apareceram de forma atitudinal por parte de algumas professoras e alunos/as. Atribuição diferente de tarefas e de forma de tratamento por parte das professoras foram perceptíveis, principalmente na turma do 5º ano, e por parte de alguns funcionários/as da escola do administrativo e serviços gerais.

Nessa turma em questão, houve a oportunidade de observar a comemoração do dia das crianças, dia em que houveram várias brincadeiras em cada sala, preparadas pelas professoras. A observação desse dia foi a consolidação das impressões observadas nos dias anteriores. A professora dessa turma, possui uma forma bem diferente de tratar meninos e meninas, com os meninos ela sempre os tratou de forma mais bruta, enquanto que com as meninas ela sempre foi mais delicada. Essa forma de tratamento não mudava, os alunos/as estando fazendo bagunça ou não.

Ao mesmo tempo em que criticava a bagunça dos meninos, ela sempre deu uma maior liberdade para eles terem esse tipo de comportamento. Enquanto que com as meninas ela, em todos os momentos, cobrava uma postura mais delicada por parte delas. Onde qualquer tentativa das meninas em serem mais agitadas, ou de participarem das brincadeiras com os meninos eram coibidas.

Durante as observações realizadas, nas aulas regulares dessa turma, a professora, a todo momento, reafirmava os papéis sociais presentes na sociedade, principalmente em relação às meninas, cobrando um comportamento mais delicado, menos agitado e, em algumas situações, uma certa postura por parte delas.

Foi perceptível, que esse comportamento por parte da professora, era bastante comum e tomado como natural por ela. Posteriormente, durante a entrevista, a professora não demonstrou perceber que suas ações dentro da sala de aula eram diferentes entre meninos e meninas; e nem que, em certas situações, perpetuavam os papéis sociais fixos da sociedade em relação aos gêneros.

Essa percepção, que acabou surgindo nas observações dos dias “normais” de aula, se consolidou durante a observação do dia das crianças. Nesse dia, a professora, preparou brincadeiras e presentes para os alunos/as da turma. Onde para os meninos, os presentes ficaram na esfera da bola, jogo de dama e xadrez, enquanto que para as meninas foram dados ursinhos, brinquedos rosas e bebês.

Em um momento específico do dia, a professora pegou alguns jogos pega-vareta e perguntou para toda turma quem queria o brinquedo, porém em nenhum momento ela cogitou ou deu atenção ao interesse das meninas por ele. Essa divisão também ocorreu durante as brincadeiras, todas as brincadeiras foram iguais, porém os grupos foram divididos em meninas e meninos, não havendo uma mistura entre eles.

Em relação aos alunos/as, de uma forma geral, não havia grandes interações entre eles/as. As meninas que mais interagiam com os meninos, sem ser para discutirem, foram justamente as meninas que participaram da roda de diálogo e que desafiavam a professora e o seu ditar de postura. Também foi perceptível, que essas meninas eram aceitas pelos meninos por aceitarem brincar com brincadeiras “típicas” de meninos: correr, jogar bola, tapas e etc.

Em comparação, durante a observação realizada na turma do 4º ano, a professora durante à sua prática não demonstrou ter uma postura que diferenciava os dois gêneros ou que perpetuasse os papéis sociais fixos da sociedade. Pelo contrário, em todo momento, ela demonstrou ter uma visão bem consciente que estava formando alunos/as para a sociedade que é formada por diferenças. Posteriormente, durante a entrevista, ela informou que essa postura de trabalho veio pelo fato de ter se deparado com essas diferenças em turmas anteriores, diferenças que começaram a revelar posturas preconceituosas por parte dos alunos/as que tiveram que ser contidas e debatidas.

A professora em questão, mesmo não abordando diretamente gênero e suas questões, estava a todo momento debatendo questões de respeito e liberdade com os seus alunos/as. Debates que surgiam na medida em que as situações pediam.

Os alunos/as dessa turma foram os que mais interagiam entre eles/elas. Conversavam, brincavam e realizavam atividades juntos. Qualquer tentativa de falta de respeito entre eles/as era imediatamente chamado à atenção por parte da professora. Porém, foi perceptível nessa turma que os meninos utilizavam as expressões: “viado”, “bicha”, entre outros, como uma forma depreciativa, como uma forma de ofensa para com o colega. Ofensa que era levada bastante à sério por parte do destinatário delas.

Na turma do 3º ano, a professora também não abordou diretamente gênero e suas questões nos dias observados. Em sua prática foi perceptível uma diferença de tratamento envolvendo a atribuição de tarefas “importantes” como: ir na secretária, que sempre ficava sob responsabilidade dos meninos, enquanto que vigiar e ajudar em alguma tarefa na sala, ficava sob responsabilidade das meninas.

Em relação aos alunos, mesmo com as cadeiras sendo divididas em fileiras de duplas, eles/as não possuíam grandes interações; e a professora durante o tempo observado não possibilitou momentos para que isso acontecesse. Durante a entrevista, a professora afirmou que não vê motivos para tratar meninos e meninas diferente e que por isso ela divide a sala em duplas mistas, porém, isso não foi observado durante as observações. Pelo contrário, os alunos/as sentavam como queriam sem interagirem entre eles/as

3.3 – Uma conversa com as professoras e gestora.

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com as professoras do 3º ao 5º ano e com a gestora da escola, para entender o posicionamento delas em relação à gênero. A primeira entrevista realizada foi com a gestora da escola, em seguida com as professoras do 3º, 5º e por último com a do 4º ano.

Para a gestora foram feitas as seguintes perguntas: *Para você, o que é gênero e diversidade de gênero, Qual o papel da escola em relação a diversidade de gênero? , Qual a posicionamento da escola quando aparece a diversidade de gênero dentro da espaço e escolar seguida ou não por alguma reação de discriminação?, Existe ou já existiu algum projeto global dentro da escola que aborde esse tema? Quais?, Se já existiu por quais motivos não existe mais?*

Durante toda a entrevista, a gestora não respondeu diretamente o que para ela era gênero e diversidade de gênero. Mesmo assim, a professora afirmou que ela não possui nenhum problema em conviver e lidar com as diferenças, principalmente pelo fato das diferenças estarem cada vez mais presentes na sociedade. Mas ela deixou claro, que dentro da escola existe uma grande dificuldade em abordar gênero e as diversidades.

Ela informou que existe dentro da escola casos onde é possível ver essas diferenças nitidamente. Principalmente em meninos que, segundo ela, estão “afloando” devido ao tema estar mais presente na mídia. Porém, a escola ainda não possui uma ação efetiva em relação ao tema e a esses alunos pois, segundo ela, ainda são casos novos e a escola ainda não sabe como agir. Para ela, os/as professores/as estão esperando uma atitude da direção e da escola, já a direção quer primeiro conversar com os pais desses alunos antes de tomar qualquer atitude.

Entretanto, durante a roda de diálogo os/as alunos/as informaram alguns casos de meninos indo maquiados e com vestimentas de menina para a escola. Fatos que

ocorrem, pelos relatos deles/as, desde de 2016 e que não se limitam à um caso isolado. A gestora confirmou as ocorrências que os/as alunos/as informaram, disse que é um menino que está se portando como uma menina e que no dia anterior à realização da entrevista (28/09/2017), esse aluno havia gritado para a professora que ele era menina e não menino.

Em relação ao papel da escola no debate sobre gênero, ela afirmou que a escola deve mostrar respeito, ensinar deveres, direitos e limites. Para ela, não é papel só da escola trabalhar esses temas, é um trabalho de toda a sociedade; as percepções e comportamentos estão dentro da escola e ela não pode ser omissa à essas situações.

Para a gestora, deve ser feito um trabalho envolvendo esse tema com toda a escola, os funcionários/as precisam ser capacitados/as, terem uma colaboração com psicólogos e especialistas na área para que possam realizar um trabalho de qualidade com os alunos/as. Para ela, se os/as funcionários/as não são bem preparados/as, não se pode haver uma cobrança, uma postura ativa com relação ao tema.

Funcionários/as que, segundo ela, vem apresentando uma grande resistência em abordar o tema, uns por motivos religiosos, outros/as por não se sentirem capacitados/as para isso. Falam que não sabem lidar, que não ligam e até mesmo, que não é trabalho deles/as. Não se sentem capacitados e muitos não estão indo atrás dessa capacitação.

Até o momento, nessa escola, existem apenas conversas pontuais quando ocorrem manifestações de preconceito por parte dos/as alunos/as. Não existem trabalhos globais e, pela memória da gestora, nunca existiram. Perguntada a respeito de encaminhamentos da secretária de educação para o tema, a gestora informou que talvez tenha algum encaminhamento, mas que ela não sabe informar com precisão pois não chegou até a escola dela; e que por esse motivo ela estava se preparando para ir até a secretária de saúde, em uma tentativa de criar uma parceria para que o tema comece a ser abordado dentro da escola.

A falta de capacitação e vontade de se capacitar foi o principal motivo apontado pela gestora para a não abordagem do tema dentro da escola. Para ela, os/as professores/as precisam saberem como tratar o tema para não criar um trauma na criança. Para ela, a escola precisa olhar o/a aluno/a como um ser humano que possui todo o direito de escolher como quer viver a própria vida, essa vida seguindo o padrão social ou não. Ela ainda informou, que os professores mais antigos e tradicionais são os mais conflituosos nessa questão e que em comparação, são alguns estagiários/as que estavam incentivando os/as alunos/as a não se reprimirem.

As entrevistas com as professoras, das turmas observadas, consolidaram algumas informações passadas pela gestora, principalmente em relação os motivos da falta de abordagem do tema dentro da escola. As professoras do 3º e 5º ano deram a falta de capacitação como um dos motivos para a falta de abordagem do tema dentro de sala, a professora do 3º ano foi além, ela informou que não possui, por hora, o interesse em se capacitar para o tema.

As perguntas feitas para as professoras foram: *Para você, o que é gênero e diversidade de gênero?, Você percebe dentro da escola manifestações dessas diversidades?, E em sua sala de aula, como você reage a essas manifestações?, Dentro do seu planejamento existe ou já existiu atividades voltadas para esse tema?, Qual o papel da escola em relação a diversidade de gênero?, Existe algum projeto global dentro da escola que aborde esse tema? Qual/quais?, Você gostaria que houvesse?*

A primeira entrevista realizada com as professoras, foi na turma do 3º ano. A professora informou que não tem um conceito formado do que é gênero, nem na teoria e nem na prática, apesar de ver e saber que esse tema está cada vez mais presente na sociedade.

Outro motivo apontado por essa professora, foi a falta de percepção, por parte dela, do tema dentro de sua sala. Segundo ela, ela sempre ensinou turmas do 1º ao 3º ano, turmas onde as crianças são muito novas e não possuem formas diferentes de agir. As turmas dessa professora sempre são divididas em duplas ou em quartetos, para que, segundo ela, os/as alunos/as comecem a se acostumarem com a diversidade.

Perguntada se a prática docente seria diferente em relação ao tema se tivesse se deparado com questões envolvendo dentro de sala, ela informou que sim. Principalmente por ela estar ajudando na formação cidadãos para o mundo, um mundo formado por diferenças onde alunos/as aprenderão a lidar com essas diferenças ou serão pessoas preconceituosas; onde ela espera estar formando sujeitos que respeitem as diferenças.

A professora informou que a diversidade que ela trabalha em sala é a racial, tema que já foi motivo de preconceito por parte de alguns alunos/as. Ela informou que trabalha esse tema durante um mês e meio durante o ano, através de texto, brincadeiras e vídeos. Ou seja, a professora apenas trabalha os temas na medida em que eles vão aparecendo dentro da sala, surgindo assim a necessidade de debate. Porém, ao contrário do que ela acredita e afirmou, os/as alunos/as da turma que participaram da roda de

diálogo demonstraram possuírem um bom entendimento do assunto e uma grande vontade de debater o tema.

Perguntada sobre o papel da escola e como a escola vem se portando com o tema, ela informou que na escola não existe nenhum projeto global e que não lembra de já ter existido. Para ela, também é papel da escola abordar esse tema, principalmente pelo fato das famílias não terem, hoje em dia, tempo de conversar. A escola deve abordar esses temas de forma transversal e interdisciplinar,

Segundo ela, por conta da ‘‘clientela’’ da escola se torna difícil abordar arranjos e formas diferentes de ser. A maior parte dos/as alunos/as são de periferia/ zona rural e possuem famílias muito rígidas e tradicionais, onde azul é sempre de menino e rosa é sempre de menina. Pensamento que também estão bem fixos em partes dos/as alunos/as.

Mesmo afirmando perceber a necessidade de se debater o tema dentro da escola e dentro das salas de aula, a professora tomou como posição a não abordagem do tema. Em conversas fora da entrevista, a professora demonstrou possuir uma visão bem delineada da posição da mulher, uma posição submissa que segue as orientações da religião que ela segue. Nessas conversas mais descontraídas, ao contrário do posicionamento afirmado durante a entrevista, a professora afirmou que existem assuntos que não são de incumbência da escola e que temas mais ‘‘polêmicos’’ precisam ser abordados seguindo o direcionamento dos pais dos alunos.

Durante a entrevista com a professora do 5º ano, ela afirmou que os bons costumes da escola e da educação estão acabando e que cabe à escola ensinar o que é certo e errado e como os/as alunos/as devem se portar.

Depois de muito pensar, ela respondeu que gênero corresponde à feminino e masculino, enquanto que em relação à diversidade, ela respondeu fazendo uma pergunta se indagando se existe diversidade de gênero. Por fim, ela afirmou perceber diversidades de gênero dentro da sala de aula e que age com muita calma frente à essas situações. Situações onde ela, proíbe expressões que acha que não é para o bem dele/a e o/a professor/a deve ter cautela e mostrar para o/a aluno/a como eles/as devem agir e que

Ela afirmou ainda que não aborda gênero e suas diversidades no planejamento e que também nunca percebeu a abordagem dentro da escola. Perguntada sobre o papel da escola em relação ao tema, ela afirmou que a escola deve tomar uma atitude, procurando conversar com o aluno; onde a escola precisa ter uma psicopedagoga para que as responsabilidades sejam divididas entre escola e professores/as. Ao ser perguntada se

já percebeu essas questões dentro da escola e qual o posicionamento da mesma, a professora informou que não costuma se envolver ou se inteirar pois prefere ficar dentro da sala de aula.

Segundo a professora, a escola recebe as habilidades prontas para o ano letivo, habilidades que ela não segue à risca, fazendo suas próprias modificações que até agora não incluíram gênero; porém, sendo levada pelo teor da entrevista, ela informou que para o ano letivo de 2018 iria colocar o tema em pauta para ser trabalhado dentro da escola. Porém, durante toda a entrevista, durante a sua fala, a possibilidade disso acontecer é bem pequena.

A última professora a ser entrevistada foi a do 4º ano. Para essa professora, gênero é a forma como a criança se vê, se enxerga no mundo. Onde ela consegue perceber essas questões dentro da escola, meninos com um jeito mais delicado que outros, alunos/as agindo fora do padrão esperado para meninos e meninas. Diferenças que causam certos estranhamentos por parte de outros/as alunos/as, onde ela tenta ao máximo impedir e educar para que não surjam manifestações de preconceito.

Por já ter tido um aluno que agia fora do padrão esperado para um menino, a professora informou que está sempre trabalhando os conceitos de diferença e respeito e afirmou que já fez trabalhos com as turmas de 2016 e 2017 em relação à gênero. Porém, pela fala da professora, os trabalhos envolviam mais a diversidade sexual que as questões de gênero.

A professora também confirmou a falta de abordagem do tema pela escola. Ela afirmou que gostaria que o tema fosse mais abordado, onde a escola deveria orientar e abordar os mais diversos temas para construir em seus alunos/as noções de respeito. Um trabalho de orientação e prevenção que não vem acontecendo de forma global dentro da escola.

CAPÍTULO IV – Análise de Dados

No capítulo anterior apresentamos como se deu a coleta de dados na escola e os seus resultados. Nesse capítulo iremos apresentar a discussão envolvendo esses resultados, relacionando-os com os objetivos que nortearam a pesquisa.

O presente capítulo será dividido em tópicos para um melhor entendimento dos objetivos da pesquisa e como eles foram sendo respondidos durante o trabalho em campo. Por uma questão organizacional, alguns objetivos serão respondidos e debatidos em conjunto.

4.1 – Questões de gênero e o posicionamento da escola em relação ao tema

Tivemos como principal objetivo dessa pesquisa, identificar como as questões de gênero são abordadas e trabalhadas dentro da escola. Para dessa forma entender a atual relação desse ambiente com as questões de gênero e suas diversidades.

Durante a pesquisa em campo, nos deparamos com uma resistência da escola, gestora e professoras, em abordar esse tema dentro da área global da escola e dentro das salas de aula. Resistência que foram corroboradas, principalmente, durante as entrevistas realizadas.

Durante as observações realizadas dentro do espaço escolar, não foram identificados projetos globais que envolvesse questões de gênero e suas diversidades. Também não foram identificados nenhuma abordagem dentro das salas de aula observadas, porém, as questões de gênero estavam presentes em forma de discurso e atitudes por parte de funcionários/as e alunos/as.

Forma de tratamento e designação de tarefas diferentes, para meninos e meninas, foram identificados por parte dos/as funcionários/as gerais da escola e por parte das professoras. Tratamento que, visivelmente, eram tido como normal por eles/as.

Questões relacionadas a gênero não apareceram apenas por parte dos adultos da escola. Também estavam presentes em falas e atitudes dos alunos. Falta de um brincar e até de conversar foram notados, principalmente pelo fato de parte deles acharem que as meninas não conseguiam ou serviam para brincar com as brincadeiras deles ou até

mesmo, que não se interessavam por assuntos iguais aos deles. Atitudes que também foram percebidas no sentido menina-menino.

Para Melo e Nogueira (2016) a escola é um lugar de grande riqueza cultural, mas que para enxergar essa riqueza e as diversidades encontradas nela é preciso primeiro nos despirmos “do famoso e desnecessário preconceito, dos julgamentos e apontamentos de dedos pré-estabelecidos. “. Porém, o que foi visto dentro da escola foi um silenciamento dessas diversidades

A escola em questão, assim como alguns/as de seus/as professores/as, tomou como posição global não abordar o tema de forma planejada. Seja por falta de preparo, ou de vontade, como foi alegado, gênero e todas as suas questões não possuem espaço de debate dentro dessa escola. Mesmo havendo várias manifestações dessa diversidade dentro da escola, que são vistas e notadas, pelos/as docentes e gestora, porém, são negadas como um assunto ativo de debate dentro do espaço escolar.

4.2 – Questões de gênero em sala de aula e a abordagem das professoras

Durante as observações de sala, foram identificados alguns comportamentos por parte, principalmente de uma professora, que acabaram se sobressaindo entre as demais professoras observadas. A professora do 5º ano durante todos os dias observados, demonstrou um tratamento diferente destinados à meninos e meninas. Um tratamento tido por ela como natural, fato confirmado durante a entrevista feita com a mesma. Tratamento que, durante as rodas de diálogo, os/as alunos/as demonstraram estranhamento e um desconforto em serem tratados de forma diferente. Principalmente os meninos, que eram tratados de uma forma mais rude.

Essa mesma professora, demonstrou reforçar os papéis sociais vigentes da sociedade e para além desse reforço, demonstrou que coíbe qualquer manifestação de diversidade dentro de sua sala de aula. Para ela: “ a escola deve ensinar os bons costumes para os/as alunos/ e mostrar para eles/as a forma correta de agir”

Essa fala da professora do 5º ano, vai de encontro com as formas, apontadas por Louro (1997, p.58), de como a escola produz as diferenças dentro de seu ambiente. Para a autora “A escola delimita espaços. Servindo-se de símbolos e códigos, ela afirma o que cada um pode (ou não pode) fazer, ela separa e institui. Informa o "lugar" dos pequenos e dos grandes, dos meninos e das meninas. ”

Durante as entrevistas, o principal motivo dado para a não abordagem de gênero dentro da sala de aula foi a falta de preparo para lidar com esse tema. Outro motivo alarmante foi a falta de interesse, por parte das professoras, em pesquisar sobre o tema.

Duas professoras, do 3º e 5º ano, alegaram que não abordam o tema de forma planejada por conta dos motivos citados a cima. A professora do 3º ano foi além, ela informou que pelo fato de seus/as alunos/as serem jovens, não houve até então uma percepção da manifestação das questões de gênero e que por esse motivo não existia a necessidade de abordar esse tema com eles.

Para além dessa falta de percepção, ela também informou que por ter em sua sala alunos/as com famílias mais tradicionais, prefere não abordar esse tipo de tema para não ir contra ao que essas famílias pensam e ensinam para os/as seus/as alunos/as.

A única professora que afirmou abordar o tema, foi a professora do 4º ano. Essa abordagem veio pelo fato de já ter tido em turmas passadas, alunos/as “ que não agiam como o esperado para meninos e meninas” e que por esse motivo viu a necessidade de abordar esse tema dentro de seu planejamento.

Entre os/as alunos/as foram observadas uma gama de comportamentos diferentes. Na turma do 3º ano, ao contrário do afirmado pela professora, os/as alunos/as não sentavam em duplas mistas por livre vontade e quase não dialogavam entre eles/as, pelo contrário, eles/as basicamente se ignoravam. Nas três turmas observadas, apenas na do 4º ano a professora promoveu atividades mistas que envolvesse meninas e meninos

Já os meninos do 4º e 5º ano, em sua maioria, só interagiam com meninas que demonstravam gostar de brincadeiras e assuntos que são tidos como típicos de meninos. Mesmo assim, os meninos do 4º ano eram os que mais interagiam e os que menos excluía as meninas da turma de assuntos, dentro da sala de aula. Porém, fora dela, meninos e meninas não interagiam. Onde sempre, principalmente na turma do 5º ano, os meninos tinham uma maior liberdade do que as meninas, que eram “convidadas” a serem mais calmas, menos agitadas.

Louro (1997, p.60), fala que a escola faz parte do processo de aprendizagem e interiorização do que as comunidades instituíram como certo e importante, concepções que passaram a serem vistas como naturais. Naturalidade, percebida durante a pesquisa, e que, para a autora, faz com que não percebamos que meninos e meninas se agrupam de forma distinta dentro da escola. Onde os meninos “ parecem "precisar" de mais espaço do que elas, parecem preferir "naturalmente" as atividades ao ar livre. ” E que “(...) usualmente, consideramos tudo isso de algum modo inscrito na "ordem das coisas”. ”

Por parte das professoras e da gestora, existe um empurrar de responsabilidades. Nos discursos, elas afirmam reconhecerem a importância que a abordagem do tema possui dentro do ambiente escolar, porém, na prática demonstram uma falta de interesse e uma resistência em abordar algo que discursam ser tão importante. Falta de interesse que vão contra a diversidade encontrada dentro esse ambiente e contra a vontade de debate demonstrada pelos/as alunos/as durante as rodas de diálogo.

4.3 – O que pensam os alunos sobre o tema

O principal meio de identificar como os/as alunos/as se posicionavam em relação ao tema, foi através das rodas de diálogo. Diálogos, onde pudemos perceber, que ao contrário do que a professora do 3º ano afirmou, os/as alunos/as dessa turma demonstraram não serem jovens demais para debater o tema.

Quando perguntados diretamente o que para eles/as era gênero e suas diversidades, todos/as os/as alunos/as responderam no padrão masculino e feminino, enquanto que em relação à diversidade levaram muito para a questão sexual.

Porém, no caminhar da discussão, demonstraram terem bastante clareza do que a sociedade espera para meninos e meninas. Ao mesmo tempo em que respondiam várias das perguntas feitas seguindo o padrão vigente na sociedade, eles/as demonstravam, em sua maioria, que não estavam totalmente de acordo com os papéis, limitações e organização padrão impostas.

Para eles/as a sociedade devia dar a liberdade de escolha para as pessoas serem o que quiserem ser. Principalmente pelo fato de terem contato com pessoas, além deles/as mesmos/as, que não agem totalmente de acordo com esses papéis fixos. Durante toda a roda de diálogo, as meninas foram as que mais demonstraram vontade de debater o tema. Mesmo com a pouca idade, elas demonstraram possuir bem claro o que a sociedade espera delas, um agir dócil e frágil, que a todo momento afirmavam não se identificarem e não serem apenas esses estereótipos.

Louro (1997, p. 61) afirma, que os/as alunos/as não são receptores passivos/as, eles/as se envolvem e são envolvidos na aprendizagem desses papéis dentro da escola, ‘’ reagem, respondem, recusam ou as assumem inteiramente. ’’. Durante toda a dinâmica, a maioria dos/as alunos/as demonstraram uma vontade de que a escola e suas professoras começassem a abordar o tema dentro do ambiente escolar. Para além disso, demonstraram a vontade de não serem rotulados e de serem tratados/as de uma forma mais igualitária dentro desse ambiente

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das discussões apresentadas durante a fundamentação teórica que embasou a pesquisa, pudemos perceber o desafio enfrentado até hoje em tornar as questões de gênero um tema ativo nos debates que envolvem a sociedade. Pudemos perceber também, que essa dificuldade é histórica e está envolta de muitos pensamentos e concepções sociais formadas pelas lutas de poder, onde uma parcela da sociedade dita o que é moralmente e socialmente aceito e correto.

Durante a pesquisa teórica, vimos também que a escola, um importante espaço de formação vem, historicamente, negando espaço para esse debate e o mais alarmante, vem muitas vezes negando e silenciando as diferenças presentes em seu ambiente.

A pesquisa em campo, nos mostrou que mesmo com todas as lutas envolvendo a ampliação desse tema na sociedade, o espaço para o debate de gênero dentro da escola escolhida é inexistente. E o mais preocupante, foi a constatação de que as diversidades são notadas, porém, são silenciadas pelo corpo docente e administrativo da escola.

Existe um empurrar de responsabilidade acerca da abordagem do tema, professores/as esperando um posicionamento da gestão da escola e a gestão da escola esperando que especialistas da área apareçam para nortear os debates envolvendo gênero. Percebemos uma falta de interesse por parte das professoras entrevistadas, que vão de encontro aos conceitos sociais que elas possuem, arranjos familiares tradicionais e até mesmo motivos religiosos.

Os/as alunos/as por sua vez, durante todo o processo que envolvia o debate direto com ele/as, demonstraram, que mesmo não havendo um debate dentro da escola e em suas famílias, o desenvolvimento de uma lógica e conceitos próprios que os/as ajudassem a entender a sociedade em que estão inseridos/as.

Com a pesquisa em campo e a análise dos resultados obtidos com ela, pudemos perceber que, infelizmente, ainda existe muito a ser feito para que as questões de gênero, e as diversidades que as envolvem, tenham um papel ativo na escola e na formação dos/as alunos que nela estão inseridos/as.

Uma falta que perpassa por várias esferas sociais e que não pode ter a culpa colocada apenas na escola em questão. Uma maior ênfase do tema nas leis, programas e

projetos voltados para a educação, na formação acadêmica dos/as professores/as, nas redes de ensino e etc. E, pelo percebido na pesquisa, um maior querer por parte dos/as profissionais envolvidos/as na educação.

Essa pesquisa abre caminho para novas curiosidades e desafios, como por exemplo, investigar a formação relacionada ao tema que os novos profissionais de educação estão recebendo. E até mesmo, investigar e desenvolver práticas concretas que abordem esse tema de forma ativa dentro da escola. Para isso, será necessário um contato aprofundado com curso/s de formação e professores/as que abordem esse tema no planejamento e no currículo. Para quem sabe, identificar um novo horizonte e um maior espaço para as questões de gênero na escola.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Paulo. Pequenos Grupos E Diversidade Sexual: Pequenas Doses De Espiritualidade, De Psicologia E De Humor In: **Congresso Latino-Americano De Gênero E Religião**, 4., 2016, São Leopoldo. Anais do Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião: s/n, ano. 2016. p.583-595.

ÁVILA, Maria Betania de Melo. Reflexões sobre Laicidade. In: MAIA, Carla Batista e Mônica. **Estado Laico e Liberdades Democráticas**. Recife: Instituto Feminista Para A Democracia, 2006. Cap. 5. p. 17-19.

BRASIL. **MINISTÉRIO DE EDUCAÇÃO E CULTURA. LDB** - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília : MEC, 1996.

_____. **PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: INTRODUÇÃO AOS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS**. Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : MEC/SEF, 1997. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>

_____. **PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: ORIENTAÇÃO SEXUAL**. Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : MEC/SEF, 1997. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/orientacao.pdf>

CIAMPA, Antônio da Costa. Identidade. In: LANE, Silvia T. M.; CODO, Wanderley. **Psicologia Social: O homem em Movimento**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989. p. 58-75.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (Org.). **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da Ufrgs, 2009.

GODOY, Arlida Schmidt. Introdução à Pesquisa Qualitativa e suas Possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.

_____, Arlida Schmidt. Pesquisa Qualitativa Tipos Fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, v. 35, n.3, p, 20-29,1995.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____, Guacira Lopes. **Corpo Educado: Pedagogias da Sexualidade**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MELO, Luiz. Identidades De Gênero Nos Livros Didáticos De Biologia Para O Ensino Médio. In: **Congresso Latino-Americano De Gênero E Religião**, 4., 2016, São Leopoldo. Anais do Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião: s/n, ano. 2016. p. 255-269.

MICHALISZYN, Mario Sergio; TOMASINI, Ricardo. **Pesquisa: Orientações e Normas para Elaboração de Projetos, Monografias e Artigos Científicos**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2012. p.52-57

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, Técnica e Arte: O Desafio da Pesquisa Social. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (ORG). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2001. Cap. 1. p. 9-29

PIERUCCI, Antonio Flávio. Estado Laico, Fundamentalismo e a Busca da Verdade. In: BATISTA, Carla; MAIA, Mônica. **Estado Laico e Liberdades Democráticas**. Recife: Instituto Feminista Para A Democracia, 2006. Cap. 1. p. 5-7.

PIMENTEL, Silvia. A Articulação Latino Americana em Defesa dos Direitos Humanos. In: BATISTA, Carla; MAIA, Mônica. **Estado Laico e Liberdades Democráticas**. Recife: Instituto Feminista Para A Democracia, 2006. Cap. 7. p. 25-29.

RANDS, Maurício. Valores Democráticos e Mudança. In: BATISTA, Carla; MAIA, Mônica. **Estado Laico e Liberdades Democráticas**. Recife: Instituto Feminista Para A Democracia, 2006. Cap. 3. p. 10-12.

ROSA, Gaziela.. Educação E Militância Para A Garantia Dos Direitos Das Mulheres Na Formação De Professores/As In: **Congresso Latino-Americano De Gênero E Religião**, 4., 2016, São Leopoldo. Anais do Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião: s/n, ano. 2016. p. 419-434.

SCHWARZ, Aneli. Ética Luterana e Laicidade. In: BATISTA, Carla; MAIA, Mônica. **Estado Laico e Liberdades Democráticas**. Recife: Instituto Feminista Para A Democracia, 2006. Cap. 2. p. 8-9.

SILVEIRA, Maria Lúcia. Luta pelo Direito ao Aborto: um caso emblemático. In: BATISTA, Carla; MAIA, Mônica. **Estado Laico e Liberdades Democráticas**. Recife: Instituto Feminista Para A Democracia, 2006. Cap. 6. p. 20-24.

VENTURA, Miriam. Pontos de Contatos Constitucionais entre Estado e Instituições Religiosas. In: BATISTA, Carla; MAIA, Mônica. **Estado Laico e Liberdades Democráticas**. Recife: Instituto Feminista Para A Democracia, 2006. Cap. 4. p. 13-16

APÊNDICES

Roteiros

I - Roteiro da entrevista semiestruturada com os professores

Nome: _____ Idade: _____ Formação: _____

Tempo de docência: _____

- 1- Para você, o que é gênero e diversidade de gênero?
- 2- Você percebe dentro da escola manifestações dessas diversidades?
- 3- E em sua sala de aula, como você reage a essas manifestações?
- 4- Dentro do seu planejamento existe ou já existiu atividades voltadas para esse tema?
- 5- Qual o papel da escola em relação a diversidade de gênero?
- 6- Existe algum projeto global dentro da escola que aborde esse tema?
Qual/quais?
- 7- Você gostaria que houvesse?

II - Roteiro da entrevista semiestruturada com a gestão

Nome: _____ Idade: _____ Cargo: _____

Anos de docência: _____

- 1- Para você, o que é diversidade de gênero?
- 2- Qual o papel da escola em relação a diversidade de gênero?
- 3- Qual a posicionamento da escola quando aparece a diversidade de gênero dentro da espaço e escolar seguida ou não por alguma reação de discriminação?
- 4- Existe ou já existiu algum projeto global dentro da escola que aborde esse tema? Quais?
- 5- Se já existiu por quais motivos não existe mais?

III - Roteiro roda de diálogo:

- 1- Para vocês o que significa gênero?
- 2- E diversidade de gênero?
- 3- Dentro da escola ocorre manifestações dessas diversidades?
- 4- Como a escola e os professores se posicionam em relação a essas manifestações?
- 5- O que vocês acham sobre esse assunto, como vocês agem quando percebem essas diversidades?
- 6- Vocês gostariam que houvesse na escola momentos de diálogos sobre gênero?

IV - Roteiro observação direta:

Turma: _____ Data: _____ Hora do início da aula: _____ Hora do término da aula: _____ Número de alunos nessa aula: _____

Dentro da sala de aula:

- a) Como as questões de gênero aparecem dentro da sala;
- b) Qual a postura do professor e dos alunos em relação a essas manifestações;
- c) Na prática do professor aparecem questões de gênero? Como?

Dentro da escola/ recreio

- a) Como os alunos agem durante o recreio;
- b) Existe manifestações/attitudes explicitas relacionadas a questões de gênero dentro do espaço escolar –fora sala de aula? Quais/Como?;
- c) Qual é a postura da escola durante essas manifestações